

Os civis adentram uma prática esportiva dos militares: o hipismo

Ester Liberato Pereira *

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Eduardo Klein Carmona **

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Janice Zarpellon Mazo ***

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Este estudo teve como objetivo compreender como se sucedeu a apropriação da prática do hipismo pelos civis em Porto Alegre, em particular do salto do hipismo, nas décadas de 1920 a 1940. Para contemplá-lo, foi realizada uma coleta de informações em fontes impressas por meio de uma pesquisa documental no arquivo das sociedades, clubes, regimentos e da Federação Gaúcha dos Esportes Equestres em seus documentos oficiais, além de pesquisa nos principais jornais que circulavam na cidade no período. Evidenciou-se que o acesso ao hipismo para o âmbito civil, na cidade, deu-se por meio da organização de sociedades e clubes, os quais, muitas vezes, congregavam, em seu quadro de sócios, não somente militares, mas também civis. Além disto, constituíam-se em espaços de sociabilidade civil.

Palavras-chave: Hipismo; História do esporte; Clubes.

Abstract: The aim of this study was to understand how the practice of equestrianism was appropriated by civilians in Porto Alegre, in particular the equestrian jumping, in the decades of 1920 and 1940. To contemplate it, a collection of information was held in printed sources through documentary research in the corporate, clubs and regiments files as well as in *Gaúcha* Federation for Equestrian Sports in its official documents, in addition to research in major newspapers circulating in the city in the period. It was evident that access to equestrianism to the civil sphere, in the city, has taken place through the organization of

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul

** Mestrando do PPGCMH da ESEF/UFRGS

*** Professora associada da ESEF da UFRGS, nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e no PPGCMH.

societies and clubs, which often congregated in its list of partners, not only military but also civilians. Furthermore, these places have constituted sociability civil spaces.

Keywords: Equestrianism; History of sport; Clubs.

Introdução

As práticas equestres e, dentre estas, em especial, o hipismo já era evidenciado no princípio do século XX; contudo, restrito aos espaços frequentados por militares. Especificamente, a prática do salto do hipismo, em Porto Alegre, imprimia seus primeiros passos oficiais na região por meio da denominada Escolta Presidencial, criada em 1916, a qual passava a constituir uma nova unidade da Brigada Militar - como é denominada a polícia militar do Rio Grande do Sul. Esta Escolta, a fim de melhor preparar e condicionar seus cavalos e cavaleiros para exercer as funções de guarda, vigilância e segurança do palácio do governo do Estado, desenvolvia a prática do hipismo.

Os estudos de Mazo (2003; 2012) demonstraram que, desde as primeiras manifestações do fenômeno do associativismo esportivo em Porto Alegre, por volta da segunda metade do século XIX, já ocorriam, na cidade, práticas esportivas que abarcavam a participação do cavalo. Como exemplos, citam-se as corridas de cavalos, conhecidas como “carreiras em cancha reta”, e o turfe, que também são corridas de cavalos, mas em uma pista circular/elíptica.

Enquanto o turfe mantinha-se existente, mas sem registrar seu prestígio outrora conquistado, outra prática equestre passava a imprimir, de forma mais consistente, seus primeiros passos na urbe. Tratava-se do salto do hipismo, a qual, inicialmente, estava restrita aos âmbitos militares da cidade, a fim de melhor preparar e condicionar seus cavalos e cavaleiros para exercer o policiamento ostensivo montado na capital do Estado. Posteriormente, a partir do final do primeiro quarto do século XX, de forma paulatina, o salto do hipismo passa a ter seu acesso expandido oficialmente à população civil também, por meio da fundação de sociedades e clubes (Sociedade 1931: 21).

Perante este contexto, o presente estudo tem, por objetivo, compreender como se sucedeu a apropriação da prática do hipismo pelos civis em Porto Alegre, em particular do salto do hipismo, nas décadas de 1920 a 1940. A pesquisa limita-se a Porto Alegre, uma vez que a capital constituiu o centro das atividades hípcas do Estado no período do estudo. O referido recorte temporal, por sua vez, justifica-se pela fundação da primeira associação esportiva a promover a prática do salto do hipismo na cidade na década de 1920, e estende-se até a década de 1940, quando é organizada a Federação Hípica Sul Rio-Grandense (atual Federação Gaúcha dos Esportes Equestres - FGEE).

Os pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural, bem como as ideias de Elias, Dunning e Guttmann acerca do esporte moderno e da esportivização, orientaram os caminhos do estudo, percorridos, principalmente, com base nas noções de práticas e representações. Na presente pesquisa, a prática equestre do hipismo foi tratada como prática cultural que produz representações.

Inscrevendo-se este nas dimensões de um estudo histórico, procurou-se contemplar o objetivo proposto por meio de uma coleta de informações em fontes impressas. A pesquisa documental foi realizada no arquivo das sociedades, clubes, regimentos e da Federação Gaúcha dos Esportes Equestres em seus documentos oficiais, tais como: álbuns, discursos, atas e relatórios. Também foram pesquisados os principais jornais que circulavam entre as décadas de 1920 a 1940 na cidade, classificando as notícias veiculadas nestes a partir do editorial, da reportagem e do conteúdo. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, artigos científicos e dissertações visando abordar o contexto histórico da cidade no recorte temporal deste estudo. A referência básica para a coleta e tratamento das fontes históricas, por meio de uma análise documental, foi o livro organizado por Pinsky (2010). Os tópicos seguintes apresentam os resultados de nossa pesquisa, evidenciando a interpretação das informações coletadas. Na presente pesquisa, a prática equestre do hipismo foi tratada

como uma prática cultural que produz representações, assim como das representações estabelecidas por tal prática podem ou não insurgir outras manifestações culturais identificadas ou identificadoras dos grupos sociais. O resultado da análise das informações coletadas nas fontes é apresentado nos tópicos que seguem.

Os civis inserem-se na prática do hipismo

Após quase uma década da primeira iniciativa de prática do hipismo pela Brigada Militar, é que se tem registro de uma sociedade promotora deste esporte para indivíduos do meio civil: a Sociedade Hípica Rio-Grandense, fundada em 1925. Em algumas fontes, como, por exemplo, na Revista do Globo, acessada por meio do catálogo organizado por Mazo (2004), foram identificados os primeiros indícios desta sociedade que, além de promover a prática do salto do hipismo, permitia o acesso da população civil de Porto Alegre a este esporte: a Sociedade Hípica Rio-Grandense. O salto do hipismo, inclusive, não encontrava resistência em já compor parte das atividades de instrução das mulheres, em especial daquelas pertencentes às camadas ligadas às elites econômicas (PEREIRA; SILVA; MAZO 2011: 299; PEREIRA; MAZO 2014a: 8).

No início dos anos de 1930, em reportagem datada de 1932, a Revista do Globo apresentava variadas imagens de mulheres participando sobre seus cavalos de uma festa hípica dominical realizada na extinta Sociedade Hípica Rio-Grandense, no Campo da Redenção (Festa 1932: 11). Nas décadas seguintes, outras matérias sobre o turfe e o hipismo foram ilustradas pelas mulheres exibindo sua marcante presença e apontando a conquista de visibilidade no campo esportivo. Uma jovem amazona porto-alegrense, Bety Belmonte, é tratada como promessa desta prática esportiva no Estado em 1965 (OSÓRIO, 1965: 40-41).

Os primeiros clubes porto-alegrenses a adotar a prática do hipismo foram a Sociedade Hípica Rio-Grandense, o Porto Alegre *Country Club* e a Sociedade Hípica Porto-Alegrense.

Uma reportagem da Revista do Globo registra a presença deste esporte nos clubes: “A Sociedade Hípica Porto Alegre proporcionou [...] um espetáculo magnífico aos esportistas da cidade [...] realizando um concurso equestre” (QUINZENA, 1939: 48). Tal informação sugere que a prática do salto do hipismo e seus eventos, em Porto Alegre, neste período, eram valorizados como entretenimento pessoal, uma peculiaridade associada por Damo (2002) ao esporte amador, em particular como ocorreu no caso do futebol. Nestes espaços sociais, realizavam-se muitas festas contando com a presença de destacados membros da sociedade da época, ladeados por autoridades. Estes eventos contavam, também, com a presença de militares do Exército e da Brigada Militar, além da significativa presença das mulheres nas disputas a cavalo (Festa, 1932: 11). A prática da equitação, assim, a exemplo do que ocorria em São Paulo (SCHPUN, 1999: 54-58), admitia a participação das mulheres na Sociedade Hípica Rio-Grandense, a qual passou a proporcionar, formalmente, o acesso a esta prática equestre também à população civil da cidade.

A nova sociedade hípica constituía um local de encontro da elite e de autoridades políticas e militares durante a realização de seus torneios hípicos. A este respeito, em uma reportagem do jornal Diário de Notícias, encontra-se a seguinte passagem: “Realiza-se [...] mais uma das elegantes festas que a Sociedade Hippica Rio Grandense vem offerecendo aos seus sócios e à elite porto-alegrense em geral [...]” (A festa 1929: 5). Há também registros da presença do ex-presidente Getúlio Vargas em suas tribunas oficiais (Desportos 1929: 35).

Aparentemente sem sede própria, a SHR, desenvolvia suas atividades e torneios em estádios de clubes de futebol (Desportos 1929: 35), e, principalmente, no Campo da Redenção, atual Parque Farroupilha (Sociedade 1931: 21; Cinco 1929: 30). Este parque foi o local onde muitas associações esportivas tiveram origem e tantas iniciativas já haviam tido lugar, como a primeira demonstração de corridas de cavalos no novo formato de pista circular,

em 1872, pelo domador capitão Luiz Jacome de Abreu e Souza (ROZANO; FONSECA 2005: 36).

O símbolo da referida sociedade, resumido a um cavalo entre uma ferradura, sugere que a figura do cavalo constituía o cerne de suas atividades. Ao encontro deste pensamento, alia-se o fato de que todas as suas atividades esportivas envolviam a participação conjunta com este animal, ou seja: dentre as práticas esportivas promovidas, encontravam-se somente aquelas de caráter equestre. Os torneios de saltos, partidas de polo equestre, volteio¹, *cross-country*², e o antigo costume que, possivelmente, consistiu em uma das origens do hipismo, a caçada à raposa (PEREIRA; MAZO, 2014b: 9), faziam parte das denominadas Temporadas Desportivas da Sociedade Hípica Rio-Grandense. Estes eventos costumavam integrar militares e civis em nome do esporte (Sociedade 1931: 21), os quais compunham o quadro de sócios desta entidade (Abertura 1931: 2).

No que se refere à prática do hipismo, em seus primórdios na cidade, apresentava uma restrição de classe para praticá-lo. Até o final da década de 1910, pelo menos, sua prática restringia-se aos muros da caserna, mais especificamente, aos integrantes da Brigada Militar (Polícia Militar) do Rio Grande do Sul. A instituição do salto do hipismo em associações esportivas, em Porto Alegre, a partir da década de 1920, representa um primeiro movimento em direção à incorporação da característica de igualdade preconizada por Guttmann (1978) como inerente ao esporte moderno.

Ao anunciar a ocorrência de uma festa hípica promovida pela Sociedade Hípica Rio Grandense, em 1929, o jornal Diário de Notícias expõe os requisitos necessários para participar de cada uma das provas componentes do evento. A denominada Prova Estímulo, por exemplo, era destinada apenas a “[...] inferiores do Exército e da Brigada Militar, montando cavallos³ de tropa” (A grande festa 1929: 10), transparecendo, ainda, uma distinção entre militares e civis nos momentos de competição, apesar de que a Sociedade Hípica Rio

Grandense admitia ambos como sócios. Todavia, a Prova Animação permitia a participação apenas de “[...] cavalheiros estreantes montando quaesquer cavallos ou quaesquer cavalleiros montando cavallos sem victoria em concursos anteriores” (A grande festa 1929: 10); e a Prova de Honra admitia “[...] quaesquer cavalleiros socios ou não, maiores de 21 annos, montando quaesquer cavallos” (A grande festa 1929: 10). Estas duas últimas provas desvelam um possível incentivo a novos praticantes do esporte.

A prática do hipismo, para além dos ambientes militares e da Sociedade Hípica Rio-Grandense, no princípio da década de 1930, começou a ser oferecida, pela primeira vez, por uma associação esportiva já existente em função de outra prática esportiva: o Porto Alegre *Country Club*, instituído em função do golfe. Posteriormente, em 1939, a Sociedade Hípica Porto-Alegrense é fundada e passa a configurar-se como um espaço em que, mais do que oferecer a prática hípica, tinha nesta a essência de sua organização.

Fundado em 1930, exclusivamente para a prática do golfe, o Porto Alegre *Country Club* não resistiu à pressão de alguns associados e acabou criando uma seção hípica no interior de suas dependências. Em dezembro de 1934, ocorreu a criação do departamento hípico do Porto Alegre *Country Club* (Fernández 2009: 60). Após a fusão com a Sociedade Hípica Rio-Grandense, o Porto Alegre *Country Club* passou a ser cada vez mais frequentado. O clube adquiriu uma *carrière* – pista para a prática esportiva com equinos - e uma cancha de polo equestre. Muitas vezes, enquanto os casais jogavam golfe, os seus filhos praticavam o hipismo, orientados por um professor, nas tardes hípicas promovidas por este clube.

Em 1939, cinco anos mais tarde, era fundada a Sociedade Hípica Porto-Alegrense – ainda hoje vigente -, com muitos de seus sócios migrando do Porto Alegre *Country Club* (Oswaldo 2009: 3). Seus fundadores eram grupos de amigos que organizaram a nova sociedade participando de todo o processo de criação. Arrecadavam fundos para a construção

da estrutura por meio das ações da Sociedade. Neste período inicial, a prática do polo equestre era marcante nas dependências da Sociedade Hípica Porto-Alegrense.

Esta sociedade também desempenhou um importante papel no desenvolvimento da prática do hipismo no Brasil, em categorias como o adestramento. Na busca por uma maior profissionalização do esporte no Estado (NEY, 2009: 18), a Sociedade Hípica Porto-Alegrense passou a promover torneios que integravam não somente seus sócios, mas também os praticantes do Porto Alegre *Country Club* e da Brigada Militar (QUINZENA 1939: 48).

As competições se multiplicaram na década seguinte, tornando possível perceber um movimento em direção a uma incipiente burocratização, quando já havia duas sociedades esportivas que se dedicavam à prática hípica. Em reportagem da Revista do Globo de 1943, a Sociedade Hípica Porto Alegre e a seção hípica do Porto Alegre *Country Club*, se mostram à frente deste processo, ao iniciarem a organização de temporadas hípicas na cidade:

Tanto a “Sociedade Hípica Portoalegrense”, como a secção de hipismo do Country Club estão desenvolvendo plenos esforços para o completo sucesso de mais essa temporada e, quando sabemos que elas congregam figuras destacadas da sociedade gaúcha, não há por que duvidar de seus planos e do êxito social das reuniões que essas sociedades promoverão proximamente (Festa 1943: 38).

Com o início do Estado Novo (1937), as práticas esportivas passaram a desempenhar um papel relevante no contexto da política nacional brasileira (MAZO, 2003: 229). Até então, houve a propagação das associações esportivas sem um controle mais significativo do poder público. Perante este cenário, em 1941, foi promulgado o Decreto-Lei nº 3199, o qual buscava regulamentar o esporte nacional.

A legislação determinava a formação de federações estaduais para todos os esportes, compostas, no mínimo, por três associações. Estas federações, por sua vez, deveriam se constituir em entidades estaduais, que se subordinariam a uma confederação nacional e estas, finalmente, a um órgão máximo denominado Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

No cumprimento da exigência legal, em 1943, era fundada a Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), e, somente três anos mais tarde, em 1946, foi criada a Federação Hípica Sul Rio-Grandense (FHSRG), em Porto Alegre. A nova organização esportiva no hipismo abalizava reflexos da referida lei (Nasce 2010: 1) que suscitaria alterações na maneira como a prática hípica vinha desenvolvendo-se, tanto na capital como no Estado, desde sua emergência.

Ao traçar um paralelo entre Porto Alegre e a cidade do Rio de Janeiro, pode-se perceber que a prática do hipismo estruturara-se de forma sistemática e anterior na capital do país na época, aproximadamente na primeira metade do século XX (MELO, 2007: 143; 2010: 117). No início do século XX, o Rio de Janeiro já contava com três centros hípicos e muitas competições eram organizadas, apesar da pouca popularidade e da significativa circunscrição à esfera das elites (Melo 2007: 143; Adelman 2003: 453). Tal conjuntura pode estar relacionada ao fato de que, entre 1863 a 1865, foi instalada, na então capital do Brasil, a Escola de Equitação de São Cristóvão, importando os princípios equestres europeus (DEL PRIORE, 2009: 32).

Já na cidade de São Paulo, por sua vez, apesar do período de transformações que atravessava, conforme Gordinho (1987), o costume da equitação, do passear a cavalo, continuava vigente entre os paulistanos – obviamente, assim como no Rio de Janeiro, neste período, a prática seguia entre os mais abastados, que podiam adquirir animais com um alto valor financeiro. Esta circunstância propiciou que, já no início da segunda década do século XX, fosse fundada a Sociedade Hípica Paulista, em 1911.

Faz-se imperativo relacionar o cenário do hipismo, em Porto Alegre, com o do Rio de Janeiro e de São Paulo em função de que estas cidades possuíam uma projeção econômica, valor político, emblemática proeminência e dinâmica cultural (SANTOS, 2009: 208). Desde o

princípio da República, constituíram núcleos de ampla importância e referência nacional, em todos os campos, e colaboraram, decisivamente, para a constituição deste panorama.

Contudo, não se pode deixar de lançar um olhar sobre reportagens de jornais e revistas, as quais revelam indícios de que, apesar de ultrapassar as limitações do ambiente militar, a demarcação de uma restrição do acesso à prática ainda persistia; desta vez, por meio da distinção de classe de seus praticantes, vinculados à camada com maior poder e capital econômico. Afinal, para a prática do salto hípico, a necessidade de manter cavalos, bem como os equipamentos para os mesmos (tais como sela, arreios, material de higiene, alimentação) e para o praticante (por exemplo, capacete, botas, culote – calça especialmente desenvolvida para montar a cavalo) fazia com que o investimento financeiro fosse significativo.

Além disto, conforme Melo (2009), o hipismo fazia parte das práticas esportivas que, no início do século XX, eram consideradas como sinais de *status* e distinção, marcas de classe e hierarquia social. A Revista do Globo, por exemplo, ao publicar, na década de 1940, a divulgação da organização de uma temporada hípica, realçou que as associações esportivas que a promoveriam “[...] congregam figuras destacadas da sociedade gaúcha [...]” (Festa 1943: 38). Nesta medida, homens, mulheres e crianças já são vistos como protagonistas nas imagens desta prática esportiva. Inclusive, a equitação era concebida como parte da educação de mulheres jovens das elites, sendo apreciada em função de que elas deveriam desenvolver determinadas capacidades que lhes consentissem satisfazer com propriedade os novos papéis sociais esperados. Na prática equestre do hipismo, era mais trivial e mais plausível a participação das mulheres, especialmente das elites, as quais já tomavam parte ativa nas competições.

Assim, têm-se famílias que, desde aquele período até os dias atuais, se envolviam significativamente com a prática do hipismo e cujos sobrenomes já se faziam presentes no quadro de sócios como praticantes e dirigentes. É o caso, por exemplo, das famílias Chaves

Barcellos, Gerdau Johannpeter, Schapke e Chagastelles (Sociedade Hípica 1929: 5; Álbum 2009: 10-13). A tradição familiar aristocrática permeou o universo hípico porto-alegrense desde sua emergência. Conseqüentemente, capital social simbólico e destaque são atribuídos aos detentores dos sobrenomes realçados pela participação e desempenho neste contexto equestre, em uma associação com os valores nobres e de realeza intrínsecos a este esporte dos reis desde suas origens (DEL PRIORE 2009: 15; VIGARELLO 2008: 393-478).

A prática do hipismo enquanto espaço de sociabilidade civil

Tal panorama hípico esportivo proporcionava um espetáculo à parte na cidade: as sociedades hípicas consistiam em lugares de sociabilidade e lazer, de ver e ser visto, onde as famílias firmavam sua representação social. O hipismo limitava-se à esfera amadora, tanto com relação aos seus praticantes como à sua assistência, uma vez que todos estes se encontravam ligados à classe com maior poder econômico da cidade, a qual, como a assistência do turfe, primava pelo puro prazer e liberdade da prática em si, sem a existência de qualquer forma de remuneração ou incentivo material. Os próprios títulos de reportagens de revista e jornais de Porto Alegre, entre as décadas de 1920 a 1940, acerca do hipismo, sugerem e reforçam um caráter festivo e prazeroso vigente no contexto hípico daquele período, em detrimento de indícios de profissionalização do mesmo: “Festa Hípica”, “Tarde hípica magnífica”, “Espetáculo magnífico” (Festa 1943: 38; Flagrantes 1938: 39; Quinzena 1939: 48).

Nos espaços hípicos na cidade, se realizavam inúmeras festas hípicas contando com a presença de importantes e destacados membros da sociedade da época, ladeados por autoridades, passando a constituir outro ambiente de diversão e lazer. No hipismo, como

ocorre, por exemplo, no salto, não há um fim utilitário na prática além do prazer provocado pelo anseio do praticante, especialmente no momento em que o cavalo descola seus membros anteriores do solo, inicia a fase de voo e supera sua pontuação anterior.

Diferentemente, pode-se traçar um paralelo com a prática equestre das cavalhadas, apresentadas por Del Priore (2009) e Spinelli (2010). Esta prática é composta por ritos integrantes de atividades de festas religiosas, as quais se espalharam pelo Brasil desde o século XVI. As cavalhadas são compostas por espetáculos que, além de representar os combates entre mouros e cristãos, remetem à época cavalheiresca da Europa. Pode-se vislumbrar um fim utilitário nesta prática nas manifestações de amizade entre os cavaleiros, as quais sempre ocorrem ao final dos duelos.

Em Porto Alegre, a prática das cavalhadas, como muitas festas tradicionais, possivelmente é apropriada em função da imigração açoriana que remonta às origens da cidade⁴. Assim, no século XIX, raramente havia uma festa religiosa ou cívica sem as cavalhadas. Esta prática equestre, inclusive, compunha parte das atividades desempenhadas pelo Grêmio Gaúcho, uma associação cívica fundada para conservar as tradições sul-riograndenses. A última cavalhada que de que se dispõe de registro em Porto Alegre ocorreu no antigo Prado Rio-Grandense (ou Menino Deus), em 1897 (Porto Alegre 1994: 100).

Nos anos 1920 e 1930, a Rua dos Andradas constituía uma vitrine, sendo o ponto chique porto-alegrense, concentrando dezenas de cafés, bares, cabarés, enfim, numerosas opções para aproveitar a noite e a madrugada (Maroneze 1994: 97). As salas de cinema e as confeitarias localizadas no Bairro Centro da cidade completavam os locais de concentração da gente elegante e bem vestida. Em alguns espaços, ocorria o encontro entre entusiastas dos esportes como as práticas equestres: “na Praça da Alfândega esquina com a Sete de Setembro, havia mais um café Nacional, reduto dos turfistas” (Amaro Junior 1976: 5-6).

Na capital, apesar deste novo período consolidar melhorias, tais como bondes elétricos, cafés, cinemas e automóveis, estas não contemplavam a todos. O Plano Geral de Melhoramentos criado para a cidade, idealizado por João Moreira Maciel, da Diretoria de Obras da Intendência, em 1914, e implantado a partir de 1924, previu avenidas, bulevares e rótulas para a mesma, procurando torná-la semelhante a Paris, uma ampla vitrine de mercadoria do capitalismo (Já Editores 1997: 132). Além deste espelhamento, há outros, como algumas práticas europeias; dentre estas, a prática do salto do hipismo, pois há evidências de que este esporte tenha vindo, além de imigrantes ingleses, na bagagem cultural dos imigrantes alemães também.

Os cavalos passavam a proporcionar um espetáculo esportivo ao mesmo tempo em que, paulatinamente, deixavam de representar o principal meio de transporte pelas ruas da cidade, uma vez que as avenidas começavam a encurtar e facilitar os trajetos. Um exemplo é a Avenida Borges de Medeiros, a qual uniu os dois lados da península, estabelecendo um caminho para a zona sul e, com seu viaduto, indicava uma mudança significativa na linha viária da cidade (Já Editores 1997: 135).

Neste período, mais precisamente em 1935, uma festa diferente, exaltada na obra de Rozano e Fonseca (2005), ocorreu em Porto Alegre. Tratava-se da Exposição do Centenário Farroupilha, o qual, de 20 de setembro a 20 de dezembro, mostrou ao Brasil a força da economia sul-rio-grandense. Foi nesta ocasião que o Campo da Redenção, então em processo de urbanização e alterando seu nome para Parque Farroupilha, ganhou o seu lago. Também se associando aos festejos comemorativos a esta data, o Hipódromo Independência realizou o Grande Prêmio Centenário Farroupilha em 1935, disputa que ficou conhecida como Clássico Farroupilha.

Nas mesmas comemorações, em 1935, ocorreu o I Grande Prêmio Cidade de Porto Alegre – Circuito Farroupilha –, uma prova de automobilismo de rua em que os pilotos

competiram sob o olhar de 250.000 espectadores (MADURO, 2010: 11). Tal prática esportiva dispunha de certo destaque na cidade, já que o uso do aparato tecnológico do automóvel e a ideia de velocidade dos novos tempos passam a fortalecer-se neste contexto. Uma vez associadas ao turfe em meados do século XIX, noções de *status* e distinção das elites são agregadas ao automobilismo neste momento, como uma maneira de “vinculação ao ‘civilizado mundo moderno’” (MELO, 2009: 98). Isto sugere que as práticas esportivas que proporcionavam ao ser humano a superação de seus limites físicos (velocidade, força, etc.), seja por meio do cavalo, em um primeiro momento, como pelo automóvel, posteriormente, relacionavam-se com elementos de privilégio, superioridade e prestígio social.

Ao encontro do que Adelman e Moraes (2008) apresentam acerca do hipismo, a participação dos cavaleiros estava fortemente condicionada ao seu pertencimento a grupos sociais de elevado poder aquisitivo, para os quais, ao contrário dos jôqueis no turfe, a prática equestre representava um momento de lazer, uma vez que possuíam recursos materiais e capital cultural que possibilitavam tal condição. Médicos, advogados, militares e outros profissionais liberais e ocupantes de cargos superiores optavam por engajarem-se em uma prática que conferia distinção, *status* de elite e honra como bem atesta a passagem a seguir, frequente em reportagens do jornal *Diário de Notícias*:

Realiza-se, amanhã, no campo do Crystal, mais uma das **elegantes** festas que a Sociedade Hippica Rio Grandense vem offerecendo aos seus sócios e à **elite** porto-alegrense em geral; festa que, pelo variado de seu programma e pelo trabalho a que se têm submettido os sócios que nella irão tomar parte, promete ser **mais um louro a colher** na já **gloriosa** sportiva sociedade (A Festa 1929: 5, grifo nosso).

A partir disto, pode-se retomar a noção de *habitus* trabalhada por Bourdieu (2007). Ao ter em conta que a família constitui o primeiro espaço social com o qual se estabelecem relações, tem-se o exemplo da família Gerdau Johannpeter, em Porto Alegre. Pelo menos desde a década de 1930, quando o alemão naturalizado brasileiro Kurt Johannpeter chega ao Brasil e casa-se com Helda Gerdau, a prática do hipismo faz parte do cotidiano desta família.

A seção hípica do Porto Alegre *Country Club* e a Sociedade Hípica Porto Alegrense foram os ambientes equestres frequentados regularmente não somente pelo referido casal, mas, também, por exemplo, pelos seus filhos Klaus e Jorge Gerdau Johannpeter, bem como pelos filhos deste último, Carlos, André, Karina, Beatriz e Marta Johannpeter (Álbum 2009: 16). André e Karina são detentores de títulos internacionalmente expressivos, como medalhas olímpicas (1996 e 2000) e pan-americanas (2007 e 2011), respectivamente.

Nesta exemplificação, tem-se que a prática esportiva equestre do salto, em sua manifestação motora, parece proporcionar o nascimento dos integrantes desta família, metaforicamente, já no interior de uma pista, sobre o dorso de um cavalo. Isto pode demonstrar os princípios incorporados, a presença funcional das vivências passadas, que, postas em todo corpo sob a configuração de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, acercam-se, com mais certeza do que todos os princípios formais e todas as formas explícitas, da garantia da conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo. Tal família também foi muito atuante no cotidiano de organização do esporte hípico na cidade por meio da atual Federação Gaúcha de Esportes Equestres (FGEE), a qual foi fundada, na década de 1940, como Federação Hípica Sul-Rio-Grandense (FHSRG).

Considerações finais

O presente estudo trouxe indícios de como se sucedeu a apropriação da prática do hipismo pelos civis em Porto Alegre, em particular do salto do hipismo, nas décadas de 1920 a 1940. Evidenciou-se que o hipismo tem seus primórdios associados ao contexto militar, mais precisamente na Escolta Presidencial da Brigada Militar do Estado, na década de 1910. No entanto, o acesso ao hipismo também chegaria oficialmente ao âmbito civil na cidade. Isto se deu por meio da organização da Sociedade Hípica Rio-Grandense, a qual congregava, em seu quadro de sócios, não somente militares, mas também civis, na década de 1920. Tal fato

abarca as possíveis origens de desenvolvimento deste esporte em outros lugares do mundo: o hipismo, além de apresentar seus primórdios no contexto das práticas militares associadas à cavalaria, também encontra a sua origem nas atividades aristocráticas europeias, como as caçadas e demais práticas de lazer das famílias nobres, das quais eram adeptos homens e mulheres.

Tal tipo de ocorrências nas práticas esportivas da cidade sugere uma relação com o contexto de uma cidade que se contagiava pelos ares da modernidade, com padrões e valores de diversas metrópoles, onde um novo homem e uma nova mulher viriam a emergir. Deste modo, as trajetórias dos produtos e símbolos da modernidade, das sociedades urbanas e industriais, se entrelaçam e se confundem. A prática esportiva populariza-se na mesma velocidade com que se desenvolvem bairros e cidades industriais, refletindo uma nova organização social do trabalho, por meio da disciplina – pela demarcação das regras, do controle do tempo e da hierarquia - da especialização das funções e o trabalho coletivo, em contraposição à configuração artesanal do trabalho; da quantificação dos resultados e da competitividade.

No que se refere à prática do hipismo, portanto, em seus primórdios apresentava uma restrição de classe para praticá-lo. Se no princípio sua prática restringia-se aos muros da caserna, com a organização da Sociedade Hípica Rio-Grandense, identifica-se um primeiro movimento em direção à incorporação da característica de igualdade inerente ao esporte moderno.

Com relação ao contexto do salto hípico porto-alegrense, em seus primórdios, a questão da burocratização permanecia mais restrita ao âmbito militar, em um primeiro momento. A organização da Sociedade Hípica Rio-Grandense, e a realização da temporada hípica da cidade representa uma abertura da prática para os civis. Outro exemplo desta abertura é a incorporação do hipismo por clubes que já promoviam outros esportes, como foi

o caso do *Porto Alegre Country Club*. Desta forma, a prática do salto do hipismo, paulatinamente, foi desenvolvendo-se e ocupando outros ambientes não só em Porto Alegre, como em outras cidades do Rio Grande do Sul. De tal modo, a necessidade de coordenação e diretoria do esporte hípico foi sendo percebida, além dos reflexos do Decreto-Lei n° 3.199, de 14 de abril de 1941, que impunha, dentre outras, a necessidade de instituir federações para conduzir os esportes no país.

¹ O volteio constitui uma atividade acrobática em que um grupo de volteadores, ou um volteador apenas, executam exercícios sobre um cavalo a galope (Roessler; Rink 2006: 8217). Esta prática equestre, atualmente, é caracterizada e avaliada por critérios estéticos de forma semelhante como ocorre na dança, na ginástica rítmica e na patinação artística (Almeida; Weller 1997: 17).

² Esta competição também pode ser denominada *steeple-chase, rallye*, Concurso Completo de Equitação (CCE), ou ainda *Three day event*, uma vez que consiste em três provas diferentes (adestramento, prova de fundo e prova de saltos), as quais ocorrem em três dias consecutivos, parecendo uma prova de triatlo equestre (Vieira; Freitas 2007: 41).

³ Nas citações literais, optou-se por manter a grafia original do período, a fim de não descaracterizar ou alterar o sentido contido na fonte primária.

⁴ Em Porto Alegre, há, inclusive, um bairro denominado Cavalhada. No entanto, as origens de tal denominação remontam ao século XVIII, quando sesmeiros da região tiveram suas terras expropriadas para a constituição de um campo para a guarda da cavalhada pertencente à Fazenda Real, a serviço de Porto Alegre. Por ter tido tais propósitos por 20 anos, este local ficou conhecido como Cavalhada d'el Rey ou Campo da Cavalhada (História 2012: 1).

Referências

ABERTURA de temporada do corrente anno. 1931. Seção Vida Desportiva. Hippiamo. Sociedade Hippica Rio-Grandense. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 16 junho 1931, p. 2.

ADELMAN, Miriam. 2003. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Estudos Feministas*. Florianópolis, ano 11, v. 2, n. 360, jul/dez 2003, p. 445-465. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v11n2/19131.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

ALMEIDA, José Júlio Gavião de; WELLER, Mirja Jaksch. 1997. A história do volteio. In:
Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Maceió.

A FESTA de amanhã. 1929. Seção Vida Desportiva. Hippiamo. Sociedade Hippica Rio-Grandense. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 6 julho 1929, p. 5.

A GRANDE FESTA hippica de hoje. 1929. Seção Vida Desportiva. Hippiamo. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 11 agosto 1929, p. 10.

ÁLBUM 70 Anos da Sociedade Hípica Porto Alegrense. 2009. Porto Alegre: DCS, Jul.2009.

AMARO JUNIOR. *Os cafés na Rua da Praia, o Beco do Leite e o Palácio das Lágrimas*. Folha da Tarde para o álbum de Porto Alegre (6): 5, 7 de agosto de 1976. Suplemento Especial da Folha da Tarde.

ALMEIDA, José Júlio Gavião de; WELLER, Mirja Jaksch. 1997. A história do volteio. In:
Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Maceió, 1997.

BOURDIEU, Pierre. 2007. O *habitus* e o espaço dos estilos de vida. In: *A Distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk.

CINCO aspectos do último torneio da Sociedade Hippica Rio Grandense. 17/08/1929, n. 15, p. 30. In: MAZO, Janice. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

DAMO, Arlei Sander. 2002. A Emergência do Associativismo Esportivo e do Futebol. In: *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS: 16-32.

DEL PRIORE, Mary. 2009. “Jogos de cavalheiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs). *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP: 13-33.

DESPORTOS. 12/10/1929, n. 19, p. 35. In: MAZO, Janice. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

FERNÁNDEZ, Elias. 2009. *Porto Alegre Country Club (1930-1960): uma tacada da elite na prática do golfe em Porto Alegre*. Porto Alegre. UFRGS/Escola da Educação Física. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso).

FESTA Hípica. 02/07/1932, n. 90, p. 11. In: MAZO, Janice. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

FESTA Hípica no *Country Club*. 29/05/1943, n. 340, p. 38. In: MAZO, Janice. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

FLAGRANTES da magnífica tarde hípica no *Country Club*. 28/05/1938, n. 229, p. 39. In: MAZO, Janice. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre:

FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

GORDINHO, Margarida. (coord.). 1987. *Sociedade Hípica Paulista: 75 anos*. São Paulo: Marca d'Água.

GUTTMANN, Allen. 1978. *From ritual to Record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University.

HISTÓRIA do bairro Cavalhada. *Observa Porto Alegre*. Disponível em:

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/default.php?p_bairro=114&hist=1&p_sistema=S.

Acesso em: 09 abr. 2015.

JÁ EDITORES, Equipe. 1997. *História ilustrada de Porto Alegre*. Projeto enquadrado na Lei Estadual 10.846, de estímulo à produção cultural. Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul.

MADURO, Paula Andreatta. 2010. *Memórias do automobilismo de rua em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1920-1950)*. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). PPGCMH/UFRGS.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. 1994. *Espaços de sociabilidade e memória: fragmentos da 'vida pública' porto-alegrense entre os anos 1890 e 1930*. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). PPGH/UFRGS.

MAZO, Janice. 2003. *Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira*. Tese Doutorado. Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Portugal.

MAZO, Janice. 2004. *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo*. Porto Alegre: PUCRS – CD-ROM.

MAZO Janice, ASSMAN Alice, DIAS Carolina, et al. 2012. *Associações esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias*. Novo Hamburgo: Feevale.

MELO, Victor Andrade de. 2010. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 24, n. 1, p.107-

20, jan/mar. 2010. Disponível em: <

http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/RBEFE_v24n1artigo10.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2015.

_____. 2009. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs). *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP: 35-70.

_____. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). 2007. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n.54, p.127-152, 2007. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/263/26305410.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

NASCE a Confederação Brasileira de Hipismo. *Confederação Brasileira de Hipismo*. Disponível em: <http://www.cbh.org.br/site/cbh_historico.php>. Acesso em: 13 abr. 2010.

NEY Fontana Feijó. 2009. In: *Álbum 70 anos da Sociedade Hípica Porto Alegrense*. Porto Alegre: DCS: 18.

OSÓRIO, Luís. Bety Belmonte: Hipismo também é show. 01/07/1965, n. 902, p. 40-41. In: MAZO, Janice. 2004. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, CD-ROM.

OSWALDO de Lia Pires. 2009. In: *Álbum 70 anos da Sociedade Hípica Porto Alegrense*. Porto Alegre: DCS: 3.

PEREIRA, Ester; SILVA, Carolina; MAZO, Janice. 2011. Revista do Globo: as mulheres porto-alegrenses nas práticas equestres. *Motriz*. Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 292-302, abr/jun 2011.

Disponível em: < http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2011v17n2p292/pdf_77>. Acesso em: 28 mar. 2015.

PEREIRA, Ester Liberato. 2012. *As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo da esportivização* [dissertação]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000861427&loc=2012&l=d78f3c8f7d03f59a>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. 2014a. As mulheres nas práticas equestres em Porto Alegre/RS. *Hominum*. 15, jul/2014, 6-25. Disponível em: <<http://revistahominum.esy.es/wp-content/uploads/2015/01/Ed14JUL2014.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. 2014b. A caça à raposa em Porto Alegre - Brasil: uma apropriação cultural. *Recorde: Revista de História do Esporte*. v.7, n.2, jul/dez. 2014, 1-23. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/1566/1414>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

PINSKY, Carla. (Org.). 2010. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto.

PORTO ALEGRE, Achylles. 1994. *História Popular de Porto Alegre*. UE/Porto Alegre.

QUINZENA Desportiva. 16/12/1939, n. 265, p. 48. In: MAZO, Janice. 2004. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, CD-ROM.

ROESSLER, Martha; RINK, Bjarke. 2006. Esportes Hípicos. In: DA COSTA, L. (org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF: 8217.

ROZANO, Mário; FONSECA, Ricardo da. (orgs.). 2005. *História de Porto Alegre: Jockey C*

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Tensões na consolidação do futebol nacional. 2009. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP: 179-212.

SCHPUN, Mônica Raisa. 1999. *Beleza em Jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: SENAC.

SOCIEDADE Hippica Rio Grandense. 18/07/1931, n. 66, p.21. In: MAZO, Janice. 2004. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, CD-ROM.

SOCIEDADE HIPICA Rio Grandense. 1929. Seção Vida Desportiva. Hippiismo. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 5 maio 1929: 5.

SPINELLI, Celine. 2010. Cavalhadas em Pirenópolis: tradições e sociabilidade no interior de Goiás.

In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2: 59-73.

VIEIRA, Silvia; FREITAS, Armando. 2007. *O que é hipismo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra:

COB.

VIGARELLO, Georges. 2008. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO,

G. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Tradução de Lúcia M. E. Orth; revisão da tradução

Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes: 393-478.

Dados profissionais dos autores:

- Ester Liberato Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano

(PPGCMH) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio

- Eduardo Klein Carmona

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestrando do PPGCMH da ESEF/UFRGS

Bacharel em Educação Física (ESEF/UFRGS) e Licenciado em Educação Física

(ESEF/UFRGS)

Endereço: Rua Gervasio da Rosa, 91 - Bairro Vila Nova - CEP: 91740-540 Porto Alegre/RS

- Janice Zarpellon Mazo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora associada da ESEF da UFRGS, nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em

Educação Física e no PPGCMH.

Doutora em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto (UP).

Endereço: Avenida Coronel Lucas de Oliveira, 2507/402 – Bairro Petrópolis - CEP: 90460-

001 Porto Alegre/RS

Principais publicações: